

O papel da sociabilização na configuração do escritor nacional do século XIX

Milena da Silveira Pereira

Resumo: O Rio de Janeiro, ao longo do século XIX, notabilizou-se não somente por ser a mais importante cidade do Império, do ponto de vista político e econômico, como também pela sua centralidade, do ponto de vista cultural, em relação ao restante do Brasil. Foi na capital que prosperou a Rua do Ouvidor, rua conhecida e tida pelos homens daquele tempo, e igualmente pela historiografia posterior, como o lugar por excelência da propagação das letras e da sociabilização dos letrados. O objetivo da presente comunicação é indagar qual o papel dessa sociabilização dos homens de letras na construção do modelo de escritor que teve aceitação naquele tempo. Tal questionamento tem como alvo entender que contornos ganhou a vida literária ao longo do século XIX, com o intuito de compreender um pouco melhor quem era o escritor nacional.

Palavras-chave: Rua do Ouvidor, vida literária, século XIX

Abstract: Throughout the XIX century, Rio de Janeiro was the most important city of the Empire not only as far as politics and economy is concerned, but also in terms of cultural. It was in the capital that the Rua do Ouvidor prospered, a street known by the men of that time, as well as by the posterior historiography, as the place of propagation of literature and socialization of lettered men. The objective of this communication is to inquire the role of such socialization among the lettered men in the construction of the writer of that time. Such questioning aims at understanding the contours of the literary life through the XIX century in order to better comprehend who the national writer was.

Keywords: Rua do Ouvidor, literary life, XIX century

Em 1873, Machado de Assis, numa crônica publicada no *Jornal das Famílias*, declarava que a Rua do Ouvidor resumia o Rio de Janeiro e que se uma “fúria celeste” destruísse a cidade, mas fosse conservada a Rua do Ouvidor, seria como conservar “Noé, a família e o mais”. E complementava, “uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloqüente que exprime todos os sentimentos e todas as idéias...” (ASSIS, 1873/2003:4). Joaquim Manuel de Macedo, anos mais tarde, em suas *Memórias da Rua do Ouvidor*, afirmava que a Rua do Ouvidor era “a mais passeada e concorrida, e mais leviana, indiscreta, bisbilhoteira, esbanjadora, fútil, noveleira, poliglota e enciclopédica de todas as ruas da cidade do Rio de Janeiro, fala, ocupa-se de tudo” (MACEDO, 1878/2003:3).

Doutoranda em História e Cultura Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Franca, com financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Representações literárias dessa natureza, que tomavam a Rua do Ouvidor como síntese da capital do país e ponto de encontro da sociedade carioca, foram recorrentes nos escritos dos homens de letras oitocentistas. Esta rua foi, muitas vezes, apresentada pela literatura oitocentista ou por estudos posteriores como representativa das transformações e mudanças pelas quais passava o Rio de Janeiro ao longo do século XIX.

Desde meados do século XIX, a propósito, é possível notar um processo de modernização no Brasil e na capital do país. Estudos sobre esse período destacam que a sociedade brasileira passava por profundas transformações na segunda metade do Oitocentos, impulsionadas, entre outros motivos, pela decadência da economia tradicional e ascensão da economia cafeeira e industrial, pela urbanização, pelo aparelhamento técnico e institucional do país e pelo aperfeiçoamento do sistema de transportes e dos meios de comunicação. Com a proibição do tráfico de escravos, em 1850, parte do capital gerado por este setor passou a ser investido em outras áreas fora do âmbito rural, ou seja, na atividade urbana, nos negócios, nas manufaturas, nos bancos, produzindo, assim, um novo cenário de expansão rápida e um significativo desenvolvimento interno.

No Rio de Janeiro, especialmente, essas mudanças foram ainda maiores. O trânsito de fazendeiros do interior para a capital do país dinamizou o processo de urbanização e aumentou o interesse pelas diversões públicas. O Rio, nessa época, já contava com ruas calçadas, iluminação a gás e bondes elétricos, contava também com uma vida social relativamente intensa, com as opções de teatros, bailes, centros comerciais, jardins, hotéis, cafês e passeios públicos. A vida cultural na urbe carioca, desse modo, ganhava novos contornos, com a intensificação das atividades intelectuais, a introdução de novas técnicas na imprensa, o aumento da circulação de idéias e, ainda, com o apoio de D. Pedro II, um apaixonado pelas letras nacionais. Para a capital do Império, então, começam a convergir os homens de letras representantes dos movimentos do Norte e do Nordeste, que encontrariam no Rio oportunidades de emprego no ensino, na política ou no jornalismo. Novos contornos ganhou, concomitantemente, a Rua do Ouvidor, projetando-se como um espaço concorrido, elegante, local de encontro, onde as inovações chegavam primeiro e a vida literária carioca progredia. Foi durante o advento da República, contudo, que o Rio de Janeiro se firmou definitivamente como principal centro cultural, político, comercial e financeiro do Brasil, e a Rua do Ouvidor teve seus tempos áureos.

Nesta rua, ou nas suas proximidades, encontrava-se a maior parte dos principais cafês, confeitarias, jornais e livrarias do final do século XIX, passando por ela tudo o que o Rio de

Janeiro literário possuía de mais notável na época. Coelho Neto resumia este beco, na virada do século, em seu romance *A Conquista*, da seguinte maneira:

A rua do Ouvidor é trêfega. Durante o dia toda ela é vida e atividade, faceira e garbo; é hilare e gárrula; aqui picante, além poderosa, sussurra um galanteio e logo emite uma opinião sizuda, discute os figurinos e comenta os atos políticos, analisa o soneto do dia e disseca o último volume filosófico, sabe tudo – é repórter, é *lanceuse*, é corretora, é crítica, é revolucionária. Espalha a notícia, impõe o gosto, eleva o câmbio, consagra o poeta, depõe os governos, decide as questões a palavra ou a murro, a taponar ou a tiro e, à noite, fatigada e sonolenta, quando as outras mais se agitam, adormece. Ouve-se apenas o rumor constante dos prelos nas oficinas dos jornais [...] (COELHO NETO, 1899/2003:87-88).

Luiz Edmundo, nas suas memórias sobre o Rio de Janeiro, relembra, mapeando os principais pontos literários dessa rua, que as confeitarias mais importantes do final do século XIX foram a Confeitaria Colombo, na Rua Gonçalves Dias, e a Confeitaria Pascoal, na Rua do Ouvidor, além de outras que ficavam em um segundo plano, como a Cailteau e a Castelões. Dessas quatro, a mais antiga era a “Pascoal”, a qual era vista por Edmundo como o “melhor centro de reunião e palestra” na época do surgimento da República. Nesse estabelecimento, continua o estudioso carioca, “é que davam *rendez-vous* os paredros da terra, os grandalhões da literatura, da política, do alto-comércio e das finanças” (EDMUNDO, 1938/1957:596). Entre os cafés literários de maior expressão no Rio de Janeiro estavam aqueles que remetiam ao período áureo da boêmia. O coração da capital, segundo Luiz Edmundo, ficava no cruzamento da Rua do Ouvidor com a Rua Gonçalves Dias. Nesse lugar “de maior movimento, de alta-elegância e melhor distinção é que se instala o famoso Café do Rio, com prestígio e renome, desde os últimos dias do passado regime, glória e viço dos estabelecimentos congêneres, em toda esta cidade” (EDMUNDO, 1938/1954:505). Além do Café do Rio e do Café Paris, tidos como os estabelecimentos de maior concorrência e maior distinção em toda a cidade, merece destaque o Café Globo, na Rua Primeiro de Março, entre a Rua do Ouvidor e o beco dos Barbeiros, onde, como nos conta Luiz Edmundo (1938/1954:534), “o sr. D. Pedro II, moço, pela semana santa, após correr as igrejas, no dia da visitação, tomava, sempre, o seu sorvete de caju...”. Havia, ainda, no beco das Cancelas, o Café Cascata; descendo o beco, na rua do Rosário, o Café do Amorim, “reputadíssimo”; o Café Java, no Largo de São Francisco, esquina com a Rua do Ouvidor; e o Café Papagaio, na rua Gonçalves Dias, entre as ruas do Ouvidor e Sete de Setembro.¹

¹ Cf. BROCA, Brito. *A Vida literária no Brasil*, p. 33; EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, p. 533-556.

Como se vê, os cafés e confeitarias – além das livrarias, que serão referidas mais à frente – localizavam-se majoritariamente na Rua do Ouvidor ou nas suas proximidades, fazendo com que a vida literária se constituísse e se animasse sobretudo nesse ponto da capital do país. Essa famigerada via carioca foi tomada, nesse sentido, tanto pelos homens daquele tempo quanto a historiografia posterior, como o lugar por excelência da propagação e da sociabilização dos letrados nacionais. Tendo em conta essas colocações sobre o lugar ocupado pela Rua do Ouvidor na vida literária carioca e/ou brasileira do século final do século XIX, vale indagar: qual o papel dessa sociabilização na construção do escritor nacional, ou melhor, em que medida esse modo de convivência dos homens de letras na Rua do Ouvidor cumpriu algum papel no que veio a ser o escritor daquele tempo?

Antes, porém, é importante destacar que esses questionamentos fazem parte do projeto de doutorado que venho desenvolvendo. Trata-se de uma pesquisa ainda em seu começo, cujo objetivo tem sido mapear, na nascente crítica literária do século XIX, as definições de como deveria ser o escritor nacional; em outras palavras, examinar as imagens do escritor traçadas pela produção crítica literária brasileira. Mais especificamente, esta proposta tem se desdobrado nos seguintes pontos: o que é produção crítica para o período; como esse discurso projetou o literato; que caráter os críticos propuseram para a produção literária; que formas de apropriação do conhecimento foram partilhadas entre os críticos; e, ainda, que contornos ganhou a vida literária ao longo do século XIX. Partindo da idéia de que a crítica, ao longo desse século, se confundiu com a história da literatura e esta com a história da nação, este estudo visa analisar e compreender o lugar da crítica e que lugar ela atribuiu aos homens de letras e aos seus escritos na definição dos parâmetros da cultura nacional. Em suma, esses questionamentos se encaminham no sentido de buscar apreender como o discurso crítico nos ajudou a entender o Brasil e o escritor, a quem aos poucos coube o qualificativo de nacional.

À partida, retomando a indagação desta comunicação, podemos destacar que a vida literária no final do século XIX sobrepujou a própria literatura. Havia, como declara a historiografia que se empenhou no estudo desse tempo,² uma necessidade entre os intelectuais do período de viver a literatura, de encenar uma existência voltada para as letras, ou seja, existia um espécie de busca por “literalizar o trato cotidiano da existência” (BROCA, 1960:37). E, com essa intenção, não foram poucos, nem efêmeros, os elementos mundanos que contribuíram para a formação de um significativo ambiente literário, entre outros, os já citados, cafés, confeitarias, salões, livrarias.

² BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil**; VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**; MACHADO NETO. **Estrutura Social da República das Letras**.

Nesse intuito de viver a literatura ou encenar uma existência voltada para a literatura, os letrados partilhavam certos tipos de comportamentos. O português Armando E. de Figueiredo, por exemplo, que ficou conhecido pelo pseudônimo de João Luso, em seu *A Sublime Porta* — com o objetivo de ilustrar a conduta dos escritores e o papel do mais famoso dos estabelecimentos da admirável rua, a Livraria Garnier —, escreve que ficar ali “de perna trançada, o ombro contra o batente, as duas mãos solidamente apoiadas no castão da bengala, eis a decisiva demonstração de talento ou de valor que a história exige para conscientemente se pronunciar” (LUSO apud BROCA, 1960:41). Luiz Edmundo, igualmente, relembra que, às badaladas de cinco horas da tarde na Garnier, “a freguesia, agitada, barulha. São advogados, médicos, engenheiros, estudantes que entram para ver novidades literárias, encontrar um intelectual amigo, dar dois dedos de palestra” (EDMUNDO, 1938/1954:706).

Os passeios e encontros nesse ponto da capital do país faziam parte da rotina intelectual dos homens de letras daquele tempo. Era comum encontrar grandes nomes da literatura brasileira caminhando ou sentados em algum estabelecimento da Rua do Ouvidor.³ Esse trânsito de intelectuais no beco fomentava, de acordo com Luiz Edmundo, uma espécie de tietagem literária. Ele transcreve, a esse respeito, um diálogo comum naquela época:

- O’ sr. Jacinto, aquele senhor, acolá, de nariz de tucano e ar triste, é o sr. Machado de Assis?
- Não, minha senhora, aquele é o Sr. José Veríssimo, um crítico muito importante...
- Ah! E o de chapéu de palha, vesgo, que com ele conversa, é o Bilac?
- Perfeitamente, é o Bilac...
- Como o senhor seria amável se dele me conseguisse o autografozinho, num postal! E arrancando a uma carteira de veludo seis postais, disse:
- Ele que escolhe, entre esses cartões, um e o assine. Claro que se ele escrever uma quadra ou um soneto, melhor será... O que vier, porém, serve, sr. Jacinto, serve. O principal é a assinaturazinha, o autografozinho... É para minha coleção. Por favor... (EDMUNDO, 1938/1954:716).

Excentricidades à parte, a Rua do Ouvidor pôde, portanto, ser considerada o principal local de propagação da intelectualidade do fim do Oitocentos brasileiro. Os provincianos vindos do

³ Luiz Edmundo, nesse sentido, destaca que vários eram os grupos que se formavam na hora de maior movimento na Livraria Garnier, entre as 4 e 6 horas. Havia “o grupo de Machado de Assis, com José Veríssimo, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui (às vezes) Constâncio Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto (às vezes), Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar e Clóvis Beviláqua; [eram] os grossões da Academia que, em geral, [se encontravam] juntos à escrivania do Jacinto. João Ribeiro, que, nesse tempo, ainda não é acadêmico, [formava] no grupo de Pedro do Couto e Fábio Luz, com Rocha Pombo, Gustavo Santiago, Pantoja, Maximino Maciel, Múcio Teixeira, Nestor Vitor e Xavier Pinheiro. Gonzaga Duque, Márcio Pederneiras e Lima Campos”. Havia, ainda, continua Edmundo, “outros grupos que se [espalhavam] pelo interior da loja e onde pode a gente encontrar o Osório Duque Estrada, o Sousa Bandeira, o Severino de Rezende e o Curvelo de Mendonça”. (EDMUNDO, 1938/1954:706-707).

Norte, do Sul ou de Minas, desse modo, interessados em conhecer seus poetas prediletos, teriam a sua curiosidade facilmente sanada em um único passeio à tarde pela Rua do Ouvidor.

Além disso, entre os homens de letras, existiam aquelas figuras que só tinham expressão na vida literária. Brito Broca, em *A Vida Literária no Brasil*, ressalta: os “admiráveis sonetos de Raul Braga, um dos mais lametáveis alcóolatrás”; a erudição do “excêntrico Santos Maia”; a “excentricidade do linotipista-poeta Constantino Pacheco”, entre outros tipos que formavam uma espécie de “comparsaria secundária, indispensável ao espetáculo cotidiano das rodas de café”, comparsaria cuja contribuição para a literatura foi praticamente nula, mas cujo peso “na crônica da vida literária” não pode ser negligenciado (BROCA, 1960:36).

Para os homens de letras daquele tempo, e aqui não estamos falando somente dos boêmios, freqüentar os estabelecimentos desta Rua constituía-se numa espécie de enriquecimento intelectual, um prolongamento dos seus escritos e, ainda, uma forma de divulgação dos trabalhos, ou seja, passar uma tarde em uma livraria ou num café reunido com grupos de amigos letrados fazia parte da produção e promoção de uma obra. É recorrente, nas referências literárias da época e em estudos posteriores, descrições do escritor nacional como aquele que freqüentava todas as tardes os cafés, confeitarias e/ou livrarias da Rua do Ouvidor.

O cronista Luiz Edmundo, por exemplo, sobre o escritor daquele tempo, declara:

As livrarias da época ainda conservam um pouco a estreita mentalidade das boticas que eram, outrora, o lugar onde os homens se reuniam para o cavaco e para a desídia. Ainda lembram, um tanto, esses laboratórios de desentendimento onde as línguas de ponta serpenteavam seteando as almas e as reputações; centros onde se manejavam, como um trabuco em festa de arraial, o escândalo de críticas restritamente pessoais. Cenáculos de vaidadezinhas, de invejzinhas, de vingançaquinhas...

Se o doutor sr. Sílvio Romero, involuntariamente, pisar, por exemplo, o calo do poeta Antonio Lamecha, o que escreveu a “Lira do meu sofrer”, e não lhe pedir, logo, desculpas, arrisca-se a passar, não por um indivíduo descuidado, mas por um literato sem talento, porque, no dia imediato, Lamache trepa para uma gazeta e arrasa-o: “A História da Literatura Brasileira”, torpe calhamaço que fede a erudição, escrito por certo energúmeno que acode ao nome de Sílvio Romero, no fundo, nada mais é que uma moxinifada imbecil. Isso ele traça e assina. E à tarde, arrastando uma bengala de Petrópolis, como se arrastasse uma adaga de gancho, vai espetar-se à porta da Garnier, cheio de importância e charuto, para discutir o artigo, e acabar a demolição “*ad vitam aeternam*” da glória do escritor. (EDMUNDO, 1938/1957:713-714)

Coelho Neto, igualmente, em seu romance *A Conquista*, denuncia esse tipo de conduta dos homens de letras, afirmando que em toda parte os letrados têm centros onde se reúnem e aqui só se tem a Rua do Ouvidor. E continua:

É uma vergonha. [...] Uma das causas da decadência literária, talvez a principal, é esta maldita rua do Ouvidor. Vocês mal saem do banho frio, ainda molhados, engolem, às pressas, a xícara de café e correm para aqui e aqui passam os dias bebericando, elogiando-se, discutindo sonetos e crônicas ou farejando *cocottes*. Que diabo! Não é assim que se faz um artista... Trabalhem, dêem algumas horas ao livro, façam alguma coisa a sério, deixem este maldito vício da rua do Ouvidor. (COELHO NETO, 1899/2003:138)

A bem da verdade, havia, sim, letrados que frequentavam os cafés e livrarias mas que, como Lima Barreto, recusavam-se a conversar de literatura, ou seja, sempre mantinham a determinação expressa de não se falar jamais de literatura em sua roda, o que, de acordo com Brito Broca, traduzia uma “reação contra o clima de artificialidade literária das rodas boêmias” (BROCA, 1960:35). Tinham, ainda, figuras como Machado de Assis, que nunca frequentavam os cafés ou as confeitarias, mas encontravam-se na livraria Garnier todas as tardes com José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Visconde de Taunay, Joaquim Nabuco e outros para um café, depois do fechamento da *Revista Brasileira*. E foi numa dessas tertúlias, vale ressaltar, que nasceu, tempos depois, a idéia da fundação da Academia Brasileira de Letras.

Esses homens de letras supracitados, contudo, embora tenham assumido uma outra postura nessa rua, não deixaram de sociabilizar e de alimentar o glamour em torno desse ambiente que vingou como o ambiente literário nacional, mesmo que nem sempre fosse assim tão literário. As possibilidades de análises aqui são muitas, todavia, a partir desse levantamento prévio, podemos concluir que a sociabilização nesse ponto da capital do país ajudou a compor grande parte dos escritores nacionais do final do século XIX brasileiro. Essa relação entre intelectuais pode ser vista como uma forma de apropriação do conhecimento, isto é, havia entre os homens de letras e nos seus escritos um incentivo à convivência como forma de enriquecimento cultural, de troca de experiências e de conteúdos. Em uma sociedade em que as expressões culturais eram ainda recentes, as bibliotecas escassas, o produtor de cultura era seu consumidor e as carências literárias eram muitas, a sociabilização apresentava-se como uma forma importante de obtenção de conhecimento e de estímulo a ele. Mas o peso de certa faceta dessa sociabilização explica, em parte, as recorrentes acusações de superficialidade nas análises, nas leituras e nos próprios escritos de alguns dos homens de letras do Oitocentos brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil** – 1900. 2ª Ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960. (Coleção Documentos Brasileiros).

COELHO NETO. **A Conquista** [1899]. [S.L.]: Virtual Books, 2003. Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/a_conquista.htm. Acesso em: 05 mar. 2009.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu Tempo** [1938]. 2ª edição. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, 5v.

MACEDO, Joaquim M. de. **Memórias da Rua do Ouvidor** [1878]. [S.L.]: Virtual Books, 2003. Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Memorias_Rua_Ouvidor.pdf. Acesso em: 25 mar. 2009.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Tempos de Crise** [1873]. [S.L.]: Virtual Books, 2003. Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/download/Tempo_de_Crise.pdf. Acesso em: 02 mar. 2009.

MACHADO NETO, A. L. **Estrutura Social da República das Letras** (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930). São Paulo: Edusp, 1973.

RIO, João. A Alma Encantadora das Ruas [1908]. In: _____. **João do Rio**, uma antologia. Luís Martins (org.). 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. **Momento Literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier, s/d [1906?].

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criações culturais na Primeira República. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**: história tropical e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.